

QUALIDADE DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E A RELAÇÃO ENTRE PESQUISA E DOCÊNCIA NA GRADUAÇÃO: QUE DIZEM OS ESTUDANTES?

Alba Regina Battisti de Souza

UDESC e UNISINOS

alba.udesc@gmail.com

Camila Güntzel

UNISINOS

kami_gl@hotmail.com

Resumo: Nas últimas décadas, em decorrência das mudanças sociais, econômicas e culturais, tem havido uma especial atenção à educação. Nesse contexto a universidade tem sido questionada na dimensão da sua qualidade. A relação entre a pesquisa e o ensino e seu impacto na concepção de docência e qualidade da educação superior, tem merecido nossa atenção na pesquisa abordada neste artigo. Analisamos, por meio de questionário, como os estudantes de diferentes cursos e universidades percebem a relação entre ensino e pesquisa a partir de suas vivências acadêmicas. Os resultados apontam para a necessidade de maior aprofundamento e mais discussões sobre a formação docente para o ensino superior.

Palavras-Chave: qualidade da educação superior; pesquisa e docência; estudantes.

A docência universitária tem sido objeto de estudos recentes se considerarmos as produções sobre os outros níveis de ensino. A lacuna de pesquisas sobre esse tema pode ter entre as causas, o fato da identidade de professor universitário ter se constituído, historicamente, tendo como base uma profissão paralela, sendo o princípio de *quem sabe fazer sabe ensinar* uma referência muito utilizada para seleção dos docentes (CUNHA, 2008).

Tendo os saberes específicos da área de atuação como reconhecimento principal de competência, os aspectos pedagógicos e didáticos da docência ocuparam um lugar de pouca ou nenhuma valia. Isso também repercutiu nas poucas produções encontradas sobre o tema da pedagogia universitária.

Com o empenho de vários pesquisadores, entre os quais pode-se citar Cunha (1988, 2008); Pimenta, Anastasiou (2000), Veiga (2008), Masetto (1998), Castanho & Castanho (2001) e as demandas provocadas pelos órgãos governamentais reguladores e avaliadores, esse quadro vem tomando outros rumos. Também as instituições de Ensino Superior tem demonstrado alguma preocupação com a formação pedagógica dos docentes, seja por meio de palestras, oficinas ou seminários.

É nesse atual cenário, no qual é perceptível a necessidade de aprofundar discussões e estudos sobre a docência universitária que se configura a pesquisa “Qualidade do ensino de graduação: a relação entre ensino, pesquisa e desenvolvimento profissional docente”¹, vinculada

à linha de pesquisa “Formação de professores, saberes docentes e mediações pedagógicas” que conta com pesquisadores da UNISINOS e de outras instituições, além de Mestrados, Doutorandos e Bolsistas Iniciação Científica.

Um dos propósitos do estudo foi dar “voz” a diversos integrantes da comunidade acadêmica ligada de alguma forma ao Ensino Superior. Para isso, foram ouvidas pessoas da comunidade, docentes, pró-reitores, pesquisadores e acadêmicos, por entender que quem integra esse coletivo, quem gerencia, estuda, ensina, pesquisa e recebe os profissionais em formação e formados, tem muito a dizer sobre a qualidade no ensino superior, ao expor suas concepções, expectativas, opiniões e sugestões.

Connel (2010), ao desenvolver um estudo sobre o significado do que é ser um bom professor, reconhece que esse conceito varia de acordo com o contexto histórico e cultural. Isso significa deduzir que não precisamos de um retrato do “bom professor” no singular, mas “bons professores” no “plural”, no sentido coletivo, pois essa concepção é variável. Desta forma, ao se elaborar as políticas educacionais é levar em conta essa condição e estar atento às manifestações culturais que expressam a compreensão majoritária. Certamente também é preciso ouvir os profissionais e incluir as opiniões dos estudantes.

Além disso, como afirma Cunha (1988), a sala de aula é um lugar privilegiado, e estudar o que nela acontece e porque acontece é tarefa primeira daqueles que se encontram envolvidos com a educação de professores e comprometidos com uma prática pedagógica competente. Considerar as percepções e opiniões daqueles que fazem parte, - junto com o professor - do ato pedagógico, pode permitir a melhor compreensão do ensino e sua relação com a pesquisa.

Conhecer a percepção dos estudantes de graduação sobre a relação ensino e pesquisa parece ser de bastante significação, pois no Brasil ainda são poucas as pesquisas sobre essa questão. Em que pese essa relação seja a expressão da condição universitária e que manifesta o conceito de qualidade que deve presidir suas práticas, nem sempre há clareza sobre esse conceito

Estudos sobre os estudantes universitários e sua relação com o conhecimento também são escassos entre nós. De alguma forma parece que ao referirmo-nos a essa categoria de pessoas, assumimos uma perspectiva universal, como se somente a condição acadêmica fosse expressão inquestionável dessa população. Ficam submersas muitas outras características como origem social, sexo e faixa etária, capital cultural prévio, valores e expectativas motivacionais. Olha-se os estudantes universitários como adultos, havendo pouca curiosidade investigativa sobre seus percursos, subjetividades e estilos cognitivos.

Uma das contribuições interessantes vem dos estudos de Leite (2010) que assume haver tipos diferentes de estudantes na universidade, em função de suas motivações e tipologias sócio-políticas. Entre eles a autora aponta três tipologias, que se tornaram referência na análise desse fenômeno, em seus estudos. Denomina-os de “os estudantes-consumidores, os estudantes da geração Y e os estudantes aprendizes de feiticeiro e/ou herdeiros” (p. 561).

Para Leite (2010), os “estudantes-consumidores” são os que procuram a universidade a partir da propaganda, do status, do poder que ela representa na sociedade (p.566). Para eles nem sempre a profissão importa, mas vale serem percebidos como clientes de uma corporação. Revelam um interesse pela chancela que a universidade lhes atribuirá, independente do capital de conhecimentos que pode adquirir. A visibilidade de seu diploma assume uma importância de relevo que o estudante faz questão de alardear. Em geral, o estudante consumidor tem expectativas sociais altas e “ter um lugar ao sol” é seu principal objetivo.

Há também os que pertencem à “geração Y” (p. 566), descritos como alunos que “tem muita informação e pouca consciência”. Seriam alunos que se encontram sempre *plugados*, conectados, vivenciam “tudo” com muita pressa. Precisam estar conectados com o mundo e avaliam que as informações de ponta é que lhes farão diferença. Nem sempre há aprofundamento e reflexão sobre o conhecimento com o qual interagem, pois o que importa é saber o que se passa no mundo, onde as tecnologias se constituem no aparato vital.

A autora destaca, ainda, os estudantes aprendizes de feiticeiro e/ou herdeiros que se constituem em “um tipo de estudante que segue o mestre, aquele estudante que procura a Iniciação Científica e acompanha o professor nas pesquisas” (p.567). São alunos que têm aspirações acadêmicas e dão valor ao aprofundamento de temas de sua área. Seguem como modelo o docente que admiram e nele se espelham para atuar futuramente no mercado de trabalho.

Mesmo tendo ciência dos limites para realizar enquadramentos dos estudantes universitários em tipologias gerais, os estudos de Leite provocaram nossa atenção, pois, em geral, a universidade não se detém a analisar os perfis culturais de seus alunos e nem como esses interferem na representação de qualidade do ensino. Essa condição estimula diversas indagações: será que a dimensão que toma a relação entre ensino e pesquisa é significativa para todos os alunos? Como eles percebem essa condição? Seria possível usar essa ou outra tipologia para previamente compreendermos a compreensão de qualidade da educação superior, nas representações dos alunos?

Questões como essas vêm orientando nossos estudos na pesquisa que tem o objetivo principal de analisar a relação pesquisa e ensino e seu impacto na concepção de docência e na qualidade da educação superior. Para abordar melhor este tema foram definidos eixos de análise envolvendo distintas dimensões e mobilizando diferentes atores. Há um grupo de pessoas responsáveis por cada eixo e os estudantes se configuraram como um dos segmentos preferenciais, aqui explorados.

Com o intuito de compreender suas representações sobre a qualidade do ensino de graduação foram formuladas questões orientadoras do estudo. Como os estudantes comprehendem essa proposição? Percebem a condição investigativa no seu professor como uma dimensão que qualifica o ensino que ministra? Em que dimensão? Como essa condição é percebida nas práticas cotidianas da sala de aula? Quando isto acontece? Que indicadores são percebidos para tal?

O estudo assumiu um caráter quanti-qualitativo, na medida em que utilizou um questionário com questões objetivas e perguntas abertas, construído pelos pesquisadores e validado numa testagem inicial. O instrumento foi respondido por estudantes que cursavam os últimos semestres de diferentes cursos de graduação, envolvendo as seguintes instituições: UNISINOS (RS), UFPEL (RS), UFRGS (RS), UNESC (SC), UDESC (SC) e ESALQ (SP).

Para a coleta de dados foi importante a contribuição dos professores que cederam espaços em suas aulas para a aplicação do instrumento e facilitaram outras formas de acesso aos alunos.

Foram 88 os questionários respondidos. O instrumento foi composto por um conjunto de dados iniciais, incluindo dados sobre a instituição, curso, fase, idade e nove questões abertas sobre a relação ensino e pesquisa. Essas questões versavam sobre o desdobramento do tema, procurando abranger um espectro de compreensões sobre o mesmo.

Para iniciar exploramos as manifestações² dos alunos sobre a relação entre a pesquisa e uma “boa docência”. As respostas nos possibilitaram definir três agrupamentos para análise: a percepção de que a pesquisa não é condição para uma boa docência (ênfase no ensino); o reconhecimento da importância da pesquisa para uma boa docência (ênfase na pesquisa); e a percepção de integração entre ensino e pesquisa (ênfase no ensino e ou pesquisa com ponderações).

Essa nucleação deve ser compreendida de forma integrada, ou seja, um núcleo não exclui o outro, pois todas as respostas, no nosso entendimento, trouxeram elementos pertinentes, revelando uma coerência e maturidade dos respondentes. São elas passíveis de considerações e análises sobre a docência na graduação e sua relação com a pesquisa.

Ênfase no ensino – dissociação entre ensino e pesquisa na docência

Dentre os 88 respondentes 18 entendem que a pesquisa não é condição para uma boa docência. As razões dessa posição são diversas, mas há em comum o destaque aos saberes didáticos como necessários, nem sempre articulados com os saberes da pesquisa. Um dos nossos colaboradores afirmou:

Creio que ser bom pesquisador, ou simplesmente ser pesquisador não garante uma boa docência. Esta mais relacionada à forma de ensinar, ao método pedagógico e, principalmente, com a intencionalidade da prática educativa, que pode ser crítica, questionadora, emancipatória ou dominante, limitante e doutrinante. (E21- Engenharia Florestal)

Houve casos, inclusive, de uma percepção negativa da pesquisa como uma dimensão qualificadora do ensino universitário, como revela o depoimento a seguir:

Não. O bom professor é aquele que está bem atualizado com o que está acontecendo no mundo. Não necessariamente ele precisa desenvolver a pesquisa e descobrir algo. Bom profissional é aquele que sabe transmitir uma idéia, dá uma aula com vontade e se interessa em saber se os alunos estão entendendo. Conheço pesquisadores que estão tão envolvidos com a pesquisa que estão fazendo, estando estressados e sem tempo, que ir para uma sala de aula não passa de obrigação e acabam “guspindo” a matéria para seus alunos. (E25- Medicina Veterinária)

Para alguns estudantes da integração harmoniosa entre pesquisa e docência é questionável, “[...] existem vários professores que são ótimos pesquisadores. Que possuem conhecimento, mas são péssimos professores em sala de aula”. (E83-Moda)

Acreditam que:

[...] não haja qualquer relação entre ser bom professor e bom pesquisador. Tenho excelentes professores que não estão no núcleo de pesquisa da universidade, como existem bons pesquisadores na área, mas que em sala de aula não conseguem passar a matéria. (E30-Direito)

Essas menções restritivas à pesquisa na docência, provavelmente se assentam em vivências nas quais os acadêmicos percebem que há um foco superlativo por parte do professor sobre suas pesquisas ou, mesmo sendo pesquisador e demonstrando bom conhecimento na área, não têm um desempenho pedagógico na mesma proporção.

O reconhecimento da formação docente como componente necessário para uma boa prática também está presente entre os alunos:

Para ser um bom professor, além de pesquisador é necessário que ele realmente tenha formação docente. O que geralmente ocorre é ter professores que são baixareis e/ou pesquisadores, mas que não passaram por uma formação docente. Estes, com pouquíssimas exceções, não exercem uma boa docência. Dessa forma, o fato do professor ser pesquisador, pode não dizer nada sobre sua docência.. (E56-Matemática)

Nem sempre, são habilidades diferentes”, disse outro. “*Em um professor a didática é mais importante que conhecimento muito específico (E78-Administração). Mesmo assim reconhecem que “o professor tem que saber passar o conteúdo [...] pesquisador que não sabe ensinar, motivar, também não adianta. (E89-Moda)*

Os estudantes manifestaram, também, uma valorização pela prática profissional que o professor revela. Para eles, “a experiência no dia-a-dia também conta muito. Citar exemplos em sala de aula, exemplos práticos nos ajudam a entender melhor a situação” como afirmou um aluno da Engenharia Civil.

O grupo que enfatizou a dimensão didática como a mais importante para uma boa docência revelam, em suas expressões, um conjunto de expectativas com relação a docência no Ensino Superior. Valorizam um bom professor que deve saber, ter capacidade de ensinar, de se fazer compreender e de estar atualizado, com novos conhecimentos

Dessas impressões é possível destacar aspectos didáticos que são importantes no processo pedagógico como fazer com que os alunos se apropriem do conteúdo, o compreendam por meio de exemplos e de forma motivadora.

Percebe-se, nas manifestações dos respondentes, uma representação algumas vezes negativa da pesquisa, que ocorre quando o professor se afasta do conteúdo das disciplinas curriculares e se concentra preponderantemente no seu foco de pesquisa. Mesmo quando há compatibilidade, são duas situações diferentes, pois a ação docente exige um preparo didático para trabalhar o conhecimento e a pesquisa centra-se no rigor metodológico da investigação.

Necessariamente não deve haver incompatibilidade de uma atividade sobre a outra, nem diminuir a qualidade ou aprofundamento dos temas, mas sim, o reconhecimento de saberes distintos que permitam aos acadêmicos a interação com um conjunto de conceitos e princípios importantes para sua formação.

Uma boa docência – ênfase na pesquisa

Um bom número dos estudantes, - 38 do total dos 88 respondentes - demonstram compreender a pesquisa como fundamental para uma docência no Ensino Superior, como podemos perceber no depoimento do discente que expõe, “*Com certeza sim. Com as mutações constantes do contexto social é preciso que o professor pesquise, se atualize constantemente para ampliar sua autonomia e situar-se mais próximo de sua realidade*”. (E67- Artes)

Outras manifestações também vieram no mesmo sentido, especialmente ligando a pesquisa à capacidade de atualização do professor universitário. É dessa forma que buscam novos conhecimentos, que por sua vez poderão contribuir para uma boa aula como afirma outro estudante, “*Sim, acredito que é importante manter projetos de pesquisa para estimular o aprendizado, a busca pelo novo conhecimento nunca é demais*”. (E90-Moda)

A pesquisa como possibilidade de “prover” conhecimentos para uma boa docência está explícita em várias respostas, inclusive como uma condição. Dizem eles: “*para mim o bom professor é sim também pesquisador, isso lhe dará a condição de ser um bom professor*”. (E70- Artes); ou, “na minha opinião, aqueles professores que considero como muito bons tão também pesquisadores (E80-Moda). Referem-se que “*se ele está pesquisando o que está ensinando há uma maior credibilidade*”. (E14-Nutrição).

A justificativa maior para valorizar a condição investigativa do professor está na condição de ampliar conhecimentos, “*buscar novas publicações e estar sempre atualizado... pois os professores envolvidos com pesquisa tem maior capacidade de ensinar*”. (E18-Nutrição).

Também ressaltam que a condição investigativa do professor favorece a busca de “*novas maneiras de desenvolver as habilidades exigidas do profissional em formação... a pesquisa é a tarefa fundamental nesse processo*” (E34-Direito).

É interessante que os estudantes pouco se referem ao uso da pesquisa como princípio metodológico que sustenta o ensino, explicitando uma visão epistemológica dos professores que interferiria nas suas formas de ensinar, fazendo os alunos vivenciarem pesquisas. Será que essa condição está tão longe de suas práticas que não mereceram destaque? Ou pode-se especular que os estudantes não percebem a pesquisa como um princípio de ensino?

Eles demonstraram admiração pelos professores pesquisadores porque trazem resultados de seus estudos para a sala de aula. Felizmente alguns conseguem perceber que os professores pesquisadores são capazes de incentivar a participação em pesquisa, utilizando a dúvida como ponto de partida do ensino que ministram. Dizem eles: “*Sem dúvida, para a boa formação do acadêmico é necessário ter bons professores, pois é neles que nos inspiramos. O professor pesquisador aguça o aluno a também pesquisar*”. (E62-Engenharia Civil), ou:

O professor pesquisador incentiva seu aluno a ir além do que lhe é transmitido nas aulas, indicando bibliografias complementares, comentando sobre os fóruns em sala de aula. Só o fato de mudar suas aulas de um semestre pra outro a partir do interesse de sua turma já é uma grande novidade. (E11-Pedagogia)

Esse grupo de respondentes expressa que a pesquisa faz parte da caracterização do que seria um bom professor, especialmente como atualização e busca de novos conhecimentos que são condições para uma boa docência.

Suas colocações advêm de vivências significativas com docentes pesquisadores que abordam os temas das disciplinas com propriedade, se referem a questões atuais e pertinentes e os instigam também a pesquisar.

A relação entre pesquisa e boa docência sob questionamentos e ponderações

Para 30 estudantes a relação entre uma boa docência e a pesquisa é passível de questionamentos e ponderações como exemplifica o depoimento que se segue:

Acredito que a pesquisa é importante, sim. Porém, não se pode generalizar. Alguns professores são brilhantes em sua produção científica e, no entanto, são mediocres quanto a sua práxis pedagógica, sabendo muito, mas não conseguindo partilhar suas descobertas. O ideal é que professor e aluno serem postos juntos no processo de pesquisa, crescendo juntos, e não fazer com que a dissociação entre um e outro crie ainda mais distância entre o conhecimento de ambos. (E53-Matemática)

São expressões que revelam a posição dos respondentes quanto ao significado do que é ser um bom professor e sua relação com a pesquisa:

Acredito, sim, que o bom professor é pesquisador. Isso em todos os níveis de ensino, desde a Educação Básica até o Ensino Superior. A postura investigativa acrescenta credibilidade e qualidade ao trabalho docente. Porém, nem todo pesquisador é, necessariamente, um bom professor. Alguns pesquisadores podem ficar divagando muito sobre conhecimentos teóricos e não conseguir trazê-los para a realidade ou restringir-se em debater questões relativas à sua linha de pesquisa. (E07-Pedagogia)

É interessante perceber que os alunos conseguem expor suas percepções de forma coerente, analisando o fato de que a pesquisa pode ser ou não uma aliada do ensino, dependendo da forma como se estabelece essa relação. Fica subentendido nas suas manifestações que há mediações necessárias entre a pesquisa e o ensino que se estabelecem pelos saberes pedagógicos.

Acredito que a pesquisa ajuda o professor a se aprimorar. Mas o que irá fazer um diferencial para o professor é sua intenção diante da sua prática pedagógica. Pois, o professor pode pesquisar e não fazer uso da pesquisa de modo significativo aos seus alunos. (E12-Pedagogia)

Penso que há uma complementação entre o pesquisador e o docente, sendo que o conhecimento apenas poderá ser repassado se o docente não tiver prazer no que realiza, quer seja na pesquisa, quer seja na docência. (E51-Psicologia)

Alguns estudantes relativizam a relação da pesquisa com o ensino, em função da área de conhecimento. “*Nem todas as áreas necessitam da pesquisa constante. Existem professores mais*

“práticos” que são muitos bons” (E82-Moda). Certamente há nessa resposta uma concepção de pesquisa que se afasta da prática. Divide os professores entre aqueles que “fazem” e os que “pesquisam”, evidenciando um paradigma de conhecimento dicotomizador muito presente na academia.

Nas respostas pudemos perceber que os estudantes valorizam o professor pesquisador quando esse sabe aliar os conhecimentos do campo da pesquisa com os conhecimentos próprio das disciplinas curriculares da graduação. Dão destaque para a credibilidade, o aprimoramento e a capacidade de ensinar. Também alguns ressaltam o valor do conhecimento advindo da prática, contrapondo-o ao que tem origem na pesquisa. Mas, em sua maioria, reconhecem a importância da relação entre o ensino e a pesquisa.

Com base nos depoimentos dos estudantes é possível concluir o valor que dão aos saberes pedagógicos. Acreditam que a docência exercida na sociedade atual assume um caráter diferente do que a que era exercida em tempos passados. Mas nem sempre sabem exprimir com clareza o teor das mudanças que deveriam atingir a todos, professores e alunos. Por que e como mudou? Quem mudou? O aluno ou o professor? Que tipo de saberes são exigidos para o exercício da docência? Que papel jogam os saberes da pesquisa? E da prática profissional? Como essa condição repercute na formação de professores? E nesse rol de questionamentos, como situamos a docência no Ensino Superior?

Não temos respostas para todas essas questões e acreditamos que dificilmente alguém conseguiria respondê-las objetivamente, considerando o contexto de mutações em que vivemos. Conforme Souza Santos (1987), vivemos atualmente a “crise do paradigma dominante”, que também pode ser entendido como a crise do modelo tradicional de ensino. Estamos vivenciando uma crise paradigmática não apenas nas instituições educacionais, mas também na sociedade. Como sustenta o autor (1987), o paradigma dominante vai se esgotando porque nega outras formas de conhecimento que não estavam baseadas na racionalidade científica, assim como ignora o senso comum e a subjetividade própria do ser humano.

Os limites presentes no paradigma dominante dificultam as respostas às questões que emergem da sociedade, resultando numa intensa crise. Se pensarmos no exercício da docência, é possível afirmar que a crise se dá, entre outros motivos, quando os docentes não conseguem mais responder às questões formuladas pelos discentes, nas suas formas de ser e agir.

Amparada pelas afirmações acima, é possível dizer que o exercício da docência proposto nesse período de “crise paradigmática” (SOUZA SANTOS, 1987) contempla duas questões: a construção do saber do discente e também do saber docente.

Assim como a ciência moderna não mais consegue responder às questões propostas pela sociedade, o professor no exercício da docência também se vê compelido a adotar uma nova postura diante do conhecimento, admitindo que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 23).

O professor, como revelaram os alunos participantes desse estudo, precisa estar informado sobre os acontecimentos contemporâneos do mundo que o cerca, estabelecendo relações entre

o conteúdo que ministra e as situações vivenciadas pela sociedade, de forma a despertar a curiosidade do aluno e incentivando a sua criticidade.

No caso do Ensino Superior, muitos professores tem o primeiro contato com a docência quando ingressam na carreira universitária, em geral, sem uma formação específica para tal. Com base no que desenvolvem suas práticas? Como são construídas suas relações com os jovens universitários que demonstram de forma tão expressiva suas expectativas quanto sobre os professores? Como a sua condição de pesquisador vem sendo potencializada em prol do ensino de graduação?

Apoiada nas afirmações dos nossos interlocutores foi possível afirmar que as atribuições do professor não se restringem a ministrar um conteúdo em sala de aula, ou realizar pesquisas isoladas. É preciso a realização de diferentes atividades que se integrem e se revelem comprometidas em produzir e divulgar novos conhecimentos, bem como prover e alimentar a prática pedagógica, que é cada vez mais exigente.

A relação dos docentes com os saberes não pode ser restrita à transmissão de conhecimentos já constituídos, mas exige uma relação com diferentes saberes aninhados na prática do docente com seus alunos. Tardif (2002, p. 36) define o saber docente “[...] como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experenciais”. Neste contexto, os saberes profissionais carregam as impressões dos seres humanos.

Ao que indicam as respostas, os acadêmicos reconhecem a pesquisa como um instrumento de atualização da docência, importante e imprescindível na opinião da grande maioria.

Algumas vezes demonstraram uma compreensão mais restrita de pesquisa, quer quando esta está a serviço da docência, quer na elaboração e sistematização de novos conhecimentos. Por outro lado, expressam certa maturidade sobre o conceito de *boa docência*, implícita em diversas expressões, quando revelam a compreensão da dinamicidade e constante expansão dos conhecimentos que a integram. Percebem que a boa docência implica na necessidade de atualização do professor para que também possa propiciar aos alunos os novos conhecimentos, inclusive tendo repercussões metodológicas em sala de aula. Relatam que alguns professores que pesquisam os instigam à reflexão, possuem mais elementos e recursos para exemplificarem e referenciarem suas exposições.

Vários acadêmicos em suas respostas ponderaram que, nem sempre, os melhores professores são os melhores pesquisadores e vice versa. Deram a entender que, em vários casos, o professor pesquisador provoca uma espécie de distanciamento, exerce alguma soberba diante dos alunos e se concentra excessivamente no seu foco de investigação em detrimento de outras abordagens e ou conteúdos. Também explicitam que apreciam a relação da teoria com a prática, e, nessa perspectiva, nem sempre os melhores professores são os pesquisadores.

As respostas analisadas representam as considerações e enunciados que devem ser compreendidos inseridos num determinado contexto e conjunto de experiências que cada acadêmico viveu e vive no espaço universitário, incluindo também suas concepções de ensino.

Revelam, entretanto, muitos aspectos sobre a relação entre pesquisa e docência que merece ser considerada com seriedade pela pertinência e capacidade de análise explicitada.

Foi relevante explorar essas representações e explicitar a condição acadêmica que naturaliza o conceito da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, sem, entretanto, protagonizar uma reflexão mais consequente dessa premissa. Urge que se aprofunde esse tema, criando uma pauta de investigações e reflexões, que inclua as condições objetivas da formação dos professores universitários e os investimentos feitos nas práticas pedagógicas, preparando os estudantes para que respondam na mesma direção.

(Endnotes)

1 Pesquisa coordenada pela Profa. Dr^a Maria Isabel da Cunha - PPGEducação/UNISINOS.

2 As repostas dos acadêmicos serão apresentadas com um numeral (referente ao número do questionário) seguidas pelo nome do curso que frequentam.

REFERÊNCIAS

- CONNELL, Raewyn. **Bons professores em um terreno perigoso:** rumo a uma nova visão da qualidade e do profissionalismo. IN: Educação e Pesquisa: São Paulo, V. 36, n. Especial, 2010. p. 165-185,
- CUNHA, Maria Isabel da (org.) **Pedagogia universitária: inovações pedagógicas em tempos neoliberais.** JM Editora, 2006.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática.** Campinas: Papirus, 1989.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas.** Araraquara: JM Eitora, 1988.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LEITE, D. **O futuro do hoje e os estudantes.** In.: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. DALBEN, Angéla Imaculada Loreiro de Freitas et al (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 553-572.
- MARCELO GARCIA, Carlos. **Formação de professores: para uma mudança educativa.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.
- NÓVOA, António. **Os professores e sua formação.** Lisboa. Dom Quixote, 1992. Não paginado.
- SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as Ciências.** Porto, Portugal : Edições Afrontamento, 1987.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: 2002.